CENTRO UNIVERSITÁRIO CENTRAL PAULISTA

UNICEP

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

GEOVANA PEROCINI RODRIGUES

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLARIZAÇÃO BRASILEIRA: DESCOBRINDO BARREIRAS E ERGUENDO PONTES POR MEIO DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

SÃO CARLOS - SP

2023

GEOVANA PEROCINI RODRIGUES

A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NA ESCOLARIZAÇÃO BRASILEIRA: DESCOBRINDO BARREIRAS E ERGUENDO PONTES POR MEIO DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção de título em Licenciatura em Pedagogia.

Orientador (a): Profª Drª Michele Varotto Machado

SÃO CARLOS – SP

2023

Dedico o presente trabalho em memória ao meu amado avô,

Carlos Antonio Perocine.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que por primeiro me amou incondicionalmente, sendo assim me deu o dom da vida, cuida de mim e dos meus. Que mesmo nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado, nunca me deixou perder a fé, mas me ensinou que nunca estou só e desamparada, mesmo quando a vida parecer conturbada basta eu entregar tudo em suas mãos e descansar pois ele cuida de tudo. agradeço por tudo que o Senhor tem me confiado. Porque até aqui o Senhor me sustentou. Também pela minha Mãezinha Maria que intercedeu por mim ouviu minhas preces, com sua doçura me acolheu e me amou.

Aos meus pais, Ana Paula e Valdecir, que me proporcionaram uma família, um lugar para onde voltar a cada tropeço, cuidaram de mim, me apoiaram até aqui, me deram suporte, respeitaram meus sonhos e nunca desistiram de mim. Juntamente com os meus irmãos Leonardo e Gabriel, por terem sido pacientes e amáveis. Eu os amo!

Ao meu namorado Renan, que por muitas vezes me ouviu rezar, duvidar e até reclamar. Que nunca duvidou de mim, rezou para que eu pudesse realizar essa pesquisa com sabedoria. Mesmo nos momentos de maior desespero me amou e respeitou essa minha fase, me proporcionou também situações de distração, para que eu pudesse respirar e voltar com ainda mais forças. Agradeço a Deus por ter me dado você como presente, por tudo que somos juntos e pelo que vamos construir juntos. Rumo ao céu. Eu te amo mil milhões de infinitos.

Às minhas avós, Zoraide e Juliana, por todo carinho, cuidado e amor ao longo de toda a minha vida, conversas, conselhos, amizade, mas principalmente por serem mães na minha vida, exemplo que mulheres fortes, firmes, amorosas e pela fé que ambas me ensinaram a ter.

Aos meus amigos, Ygor e Guilherme que me ajudaram a revisar o trabalho, identificar erros. Os que me acompanham de outra fases da minha vida, como a Kally, Carolina, Hellen, Jislaine, Caroline, Gabrielle e Vinicius, Flavia, Leticia, Cristiane, Dalvana e ao meu Grupo de jovens Vocare, que por muitas vezes me ouviram falar sobre, acompanharam toda a minha trajetória na faculdade além de me apoiarem e por muitas vezes rezarem por mim também. Minhas amigas de turma, Marianna, Michelle e Lorena, por me aguentarem nos trabalhos e atividades, por termos chegado até aqui juntas. Deus os abençoe imensamente.

A minha tia Kátia por ser um exemplo de que nunca é tarde para buscar conhecimento, que tudo só depende de nós e que o conhecimento é tudo na nossas nossas vidas, pois com ele podemos ir além.

A minha orientadora, Profª Drª Michele Varotto Machado, por toda paciência principalmente, todo carinho e compreensão, além das correções, chamadas de atenção, indicações e ensinamentos que me permitiram tornar o meu melhor no processo de formação profissional e pessoal. Que Deus a conserve assim, dedicada, compreensiva e cheia de vigor.

Ao Profº Drº Marcos Antônio Pratta que integra a minha banca de defesa, por todas as importantes contribuições e considerações ao meu Trabalho de Conclusão de Curso, mas principalmente por ter dedicado do seu tempo e atenção para tanta contribuição, muita gratidão.

A Relação professor-aluno na Escolarização Brasileira: desconstruindo barreiras e erguendo pontes por meio da Comunicação Não-Violenta[1]

Geovana Perocini Rodrigues[2]

[3]

Resumo

O presente Trabalho tem como objetivo principal, compreender o processo de construção da relação professor-aluno ao longo das propostas educativas que permearam a Educação Brasileira. A partir deste foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica, a qual utilizou materiais publicados, como livros e artigos sobre o tema. Com isso, foi possível notar que não há uma proposta atual de educação contemporânea concreta, isto porque as propostas que permeiam a trajetória escolar ainda estão calcadas em elementos que foram pensados e trazidos desde o século XVI. Tais atributos ajudam a evidenciar que a relação professor-aluno, por muitas vezes, fica entre o "adestrar" e o "protagonismo" discente, sem nenhum tipo de relação crítica e respeitosa. Por fim, para realizar essa educação é necessário apropriar-se de forma que aprimorem a relação professor-aluno, tornando esse laço real e consistentemente, pois só assim a educação une todos os lados para caminhar juntos para uma melhora.

Palavras-chave: História da Educação; Relação Professor-Aluno; Comunicação Não Violenta (CNV).

Abstract: The main objective of this study is to understand the process of building the teacher-student relationship throughout the educational proposals that have shaped Brazilian education. A bibliographic research was conducted, using published materials such as books and articles on the subject. It was observed that there is currently no concrete proposal for contemporary education, as the educational proposals still rely on elements that have been conceived and introduced since the 16th century. These attributes highlight that the teacher-student relationship often oscillates between "training" and "student protagonism" without fostering a critical and respectful connection. In conclusion, to achieve effective education, it is essential to appropriate measures that enhance the teacher-student relationship, making this bond real and consistent, as only then can education bring all sides together for improvement.

Keywords: History of Education; Teacher-Student Relationship; Nonviolent Communication (NVC).

---

[1] Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Central Paulista (Unicep-São Carlos)

[2] Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro Universitário Central Paulista (Unicep- São Carlos)

[3] Profa Dra. Curso de Pedagogia do Centro Universitário Central Paulista - Unicep/São Carlos

Introdução

Para realizar este artigo e conseguir discorrer sobre o equilíbrio na ação do pedagogo entre a educação e o afeto, é preciso inicialmente entender de onde vem o olhar para a criança, quais os motivos dessa perspectiva ser assim, ou já ter sido de outra forma, como foi construída a relação professor-aluno, o que impede de ser ainda melhor, porque levou tanto tempo para chegar ao atual resultado e como superá-lo. Portanto, pode-se dizer que com a educação tradicional não se tinha uma metodologia específica, mas falando da educação principalmente na Idade Média, sendo ela inicialmente fora do Brasil, do século XII ao XVI, entrando na educação no Brasil no século XVI.

Há muito tempo o olhar para as crianças perante seu desenvolvimento nos anos iniciais foi prejudicial, para Aristóteles segundo Charlot (2020) as "faculdades de deliberar" a criança as tem, mas não com total controle, são "imperfeitas". Pode-se dizer então que a criança não tem direito a se posicionar ou comunicar-se, afinal não estava pronta para ser um homem livre.

Assim começa-se a entender o porquê de tamanha dificuldade para desfazer esse olhar negativo para a criança. Afinal vem sendo construído, difundido dentro das pessoas por milhares de anos. Ainda, Charlot (2020) vem falar sobre essa natureza humana na infância, de forma bastante clara, "Ele se desencaminha, perde-se, se apenas for dócil a sua fraqueza é preciso, pois, contrariá-lo, atormentá-lo para torná-lo melhor" (p. 210). Suas palavras dizem muito que foi e é feito com as crianças na ideia de colocá-las na "linha", punir para que aprendam a obedecer.

Só mais tarde com o pensamento racionalista será questionada essa concepção religiosa, dessa forma tentando afastar os jovens da Igreja e trazendo o pensamento partindo da razão. Que é quando Kant (1999, p. 12) segundo Charlot (2020), tenta libertar as pessoas e provar que o que pode resolver é a disciplina, que "a disciplina transforma a animalidade em humanidade"

Em contraproposta temos o que Freire (2017) que por sua vez vem nos dizer sobre a "educação libertadora" que diz ser "Libertadora porque, implicando no enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva." (FREIRE, 2017, p. 16), sendo que a tal liberdade vem para o livramento do oprimido e do opressor "A pedagogia do oprimido é, pois, liberadora de ambos, do oprimido e do opressor. Hegelianamente, diríamos: a verdade do opressor reside na consciência do oprimido." (FREIRE, 2017, p. 06). Para Freire (2017), desta forma, é

preciso um olhar humano e de empoderamento para os alunos, só assim eles poderão se desenvolver e criar um posicionamento crítico sobre o mundo. É com esse olhar de encorajamento e amor que nessa seção será pontuada o quanto essa educação, proposta de forma opressora influenciou no olhar a educação e a criança.

Assim confirma-se a importância do olhar para o processo do afeto entre professor-aluno, para construção de um ambiente acolhedor, seguro, amigável e ainda sim com ensinamentos e limites que fazem com que todos sejam incluídos mesmo com suas singularidades.

Diante das justificativas apresentadas, têm-se como problema de pesquisa os seguintes questionamentos: 1) Como foi construído o olhar para a criança ao longo do tempo, quais suas origens, mudanças e fontes que alimentaram o processo de escolarização e suas superações? 2) Quais os relatos que demonstram a tentativa de uma superação do olhar educacional tradicional? 3) Ao olhar para o ambiente escolar, como se desenvolve as trativas professor-aluno que rodeiam a construção desse relacionamento, que transborde seguranças na contemporaneidade para melhor contribuir para o ensino e a aprendizagem.

Para respondê-los, coloca-se para a pesquisa o objetivo geral de compreender o processo de construção da relação professor-aluno ao longo das propostas educativas que permearam a Educação Brasileira. A partir do qual derivam os seguintes objetivos específicos: conhecer os fatos históricos que fizeram que a crianças não fosse vista como um ser ativo e central da educação; compreender a proposta de superação de acordo com a escola nova; identificar as tratativas que formam a relação professor-aluno como colaboradores da relação saudável, segura e com limites para a boa relação, ressaltando as contribuições da comunicação não-violenta.

Para atingir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que segundo Amaral (2007)

> A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. É imprescindível, portanto, antes de todo e qualquer trabalho científico fazer uma pesquisa bibliográfica exaustiva sobre o tema em questão, e não começar a coleta de dados e depois fazer a revisão de literatura, como algumas vezes se observa em alguns profissionais de saúde e acadêmicos no início de formação científica. Essa pesquisa bibliográfica tem os seguintes objetivos:
> • Fazer um histórico sobre o tema.
> • Atualizar-se sobre o tema escolhido.
> • Encontrar respostas aos problemas formulados.
> • Levantar contradições sobre o tema.
> • Evitar repetição de trabalhos já realizados. (AMARAL, 2007, p. 25).

Assim, para atingir os objetivos delimitados a presente pesquisa organiza-se em três seções. Na primeira, identificar a relação professor-aluno baseada na afetividade, do século XII ao XVII, visualizando o olhar para a criança de acordo com a educação tradicional. Na segunda o olhar se voltará à tentativa de superação da escola tradicional para o escolanovismo, na busca de superar e avançar a educação e o olhar para as crianças referente ao afeto necessário para seu desenvolvimento. Na terceira será pontuada a educação contemporânea, refletindo a clareza da relação professor-aluno que esclarecem a necessidade de metodologias ativas como a CNV para relatar a importância da relação entre o educador e a criança.

Por fim, destaca-se que o presente estudo permite observar a trajetória da criança, do séc. XII até a contemporaneidade, olhando para o papel da mesma, buscando seu desenvolvimento, ganho de espaço, suas evoluções e estabelecendo a construção da afetividade na educação.

1. Educação ou Adestramento? Concepções sobre a relação professor-aluno entre os séculos XII e XVII e suas relações com a Educação Brasileira

Nesta seção será relatado sobre a educação que se desenvolveu entre os séculos XII ao XVI e que, consequentemente influenciaram nas primeiras propostas educativas que se destinaram à colônia brasileira "recém-descoberta".

Essa educação inicial foi caracterizada principalmente por não ter um professor muitas vezes, mas ao ter, o mesmo é visto como centro da educação, pois é o detentor do conhecimento, enquanto o aluno é na verdade só um "ser sem luz" que precisa do educador para se tornar um "ser de luz". Afinal acreditava-se que o aluno é como um banco do qual o professor deposita seus conhecimentos, Paulo Freire vem falar melhor sobre essa educação que é conhecida como educação "Bancária", "[...] o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, [...]"(FREIRE, 2017, p. 38), sendo que essa metodologia tem por uma das suas características mais fortes a opressão, pois o aluno não é um ser instigado a pensar e muitos de seus pensamentos na verdade são calados/negados, por isso Freire (2017) também fala da "cultura do silêncio" que acaba muitas vezes tornando esse aluno nada mais que um reprodutor ao desconsiderá-lo, também suas vivências e leitura de mundo.

Ao longo da História da Educação Ocidental, Charlot (2020) afirma que por meio de seu estudo e análise, podemos notar que a criança passou por diversas formas de ser vista na

sociedade, sempre sendo olhada com aspectos de disciplina e manipulação, como se os mesmo não tivessem vontades, ou sequer direitos, além é claro de serem "indisciplinados", com vontade de "contrariar e desobedecer". Ou seja, ser opositor aos costumes e às regras, sem nenhuma consciência de que o mesmo não tem essa total consciência das regras da sociedade, os pequenos ainda deviam ser controlados.

De acordo com Cambi (1999) segundo Marconi (2018), destaca que educação nada mais é que "técnicas educativas e escolares: nasce uma sociedade disciplinar que exerce vigilância sobre o indivíduo e tende a reprimi-lo/controlá-lo, inseri-lo cada vez mais em sistemas de controle" (CAMBI, 1999, p. 245 apud Marconi 2018, p. 38), ainda se fala na escola moderna para "forma-se a escola moderna: instrutiva, planificada e controlada em todas as suas ações, racionalizada nos seus processos" (CAMBI, 1999, p. 245 apud Marconi 2018, p.38), desta forma é pontuado que as crianças precisam de controle ao invés de estímulos e afeto, sendo assim, essas crianças serão criadas com rigidez, opressão e sem nenhuma afetividade.

No século XII, destaca Ariès (2006) que "[...] a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida" (ARIÈS, 2006, p. 18), sendo assim a criança era vista como "adulto em miniatura", afinal nessa época as famílias precisavam de mão de obra para sua subsistência. Isso incluía crianças, que eram frequentemente envolvidas em tarefas domésticas e agrícolas desde cedo. Como resultado, as crianças eram vistas como contribuintes úteis para a família desde uma idade muito jovem. Nesse período não falava de infância e essa ideia não era viável, pode-se ver com a fala de Ariès (2006):

> [...] até por volta do século XII, arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse um lugar na infância nesse mundo.(ARIÈS, 2006, p. 17).

O olhar para os pequenos era de que estavam em transição para a vida adulta, segundo Ariés (2006) ainda não havia um período específico de aprendizado e desenvolvimento infantil. Nessa fase as condições de criação eram precárias, fazendo com que muitas crianças morressem, como diz Bess (2018), "muitas crianças morriam nos primeiros anos de vida, sendo somente consideradas aquelas que sobrevivessem e fossem vistas após os quatro ou cinco anos de idade." (BES, 2018, p.7), então nesse período as famílias nem se apegam a um

ser que poderia nem “vingar”, o que deixa ainda mais claro que não se tinha nenhum tipo de afetividade.

Nesse período, vale ressaltar, segundo Charlot (2020), a Igreja Católica desempenhou um papel significativo na formação da mentalidade medieval europeia. A teologia católica enfatizava a ideia do pecado original e a necessidade de redenção, partindo da ideia de que as crianças não só nasciam de um ser humano pecador, mas tinham a descendência de Adão, que é contaminado do pecado original por sua linhagem humana, por isso ela estaria mais próxima do pecado original, tendo menos controle sobre ele, e por não ter total consciência de suas ações, ser levado por impulsos carnais, era vista como um ser impuro, que estava propensa ao pecado e aos desejos da carne. Segundo Charlot (2020):

> A quem essa criança recém-nascida enganou, qual é o seu crime” pergunta bossuet? E ele responde: “Ele é filho de Adão, eis seu crime. É isso que o faz nascer na ignorância e na fraqueza, o que colocou em seu coração a fonte de toda sorte de maus desejos. (SNYDERS 1975, p. 192 apud Charlot, 2020, p.25).

Sendo que essas ideias mesmo que condizentes em certa parte com a Bíblia, ainda sim entra em conflito direto com a o novo testamento, escrito por Mateus 19,14 onde Jesus diz “Deixai vir a mim as crianças e não as impeçam; pois o Reino dos céus pertence aos que são semelhantes a elas” (CNBB, 2019 p. 1373), partindo desse ponto ao invés de apontar as crianças como ímpios, na verdade, Jesus afirma sua simplicidade e pureza. Mesmo após isso não se tem um olhar referente à criança, o único olhar para esta é referente ao símbolo religioso que representa Jesus, cita Bes (2018) que “Ao longo dos séculos XV e XVI, surgiram outras representações de crianças, ainda com o caráter religioso, mas deixando de retratar somente a vida de Jesus e focando outros personagens bíblicos.” (BES, 2018, p.7), só assim a criança começa ser vista, mas passa ser constante, segundo Ariès.

> [...] a criança se tornou uma das personagens mais frequentes dessas pinturas anedóticas: a criança com a sua família; a criança com seus companheiros de jogos, muitas vezes adultos; a criança na multidão, mas “ressaltada” no colo de sua mãe ou segura pela mão, ou brincando, ou ainda urinando; a criança no meio do povo assistindo aos milagres ou martírios, ouvindo prédicas, acompanhando os ritos litúrgicos, as apresentações ou circuncisões; a criança aprendiz de um ourives, de um pintor, etc.; ou a criança na escola, um tema frequente e antigo, que remontava ao século XIV e que não mais deixaria de inspirar as cenas do gênero até o século XIX. (ARIÈS, 2006, p. 17).

O olhar que desenvolve para a criança nesse tempo ainda é superficial, sua educação ainda é pautada em cuidados, o que pouco inclui o afeto, mas sim sobrevivência. Ou seja, pouco se sabe dos pequenos, e por isso, sua educação ainda é descaracterizada.

No entanto, as ideias de Martinho Lutero trouxeram, ainda nesse período, com muitas mudanças religiosas com a Reforma Protestante, reconheceu a necessidade de "valor laico, estatal da instrução, concebida não mais como algo reservado aos clérigos, mas como fundamento do próprio Estado. E, é preciso acrescentar, do Estado moderno" (MANACORDA, 2002, p. 199 apud MARCONI e MACHADO, 2018, p. 13). É possível ver que Lutero traz a questão da cultura, que na época ainda era posse da religião, mas ele se aprofunda e por sua vez fala da educação:

> (...) buscando retirar das mãos da Igreja Católica também o domínio cultural, Lutero defenderá uma educação pública, a cargo do Estado, para a formação política dos cidadãos – para a vida em sociedade – e não mais apenas para a formação do "bom cristão". (MARCONI e MACHADO 2018, p.13)

Lutero tem sua importância extrema para educação, não só por falar dela e querer tirá-la das mãos da religião, mas por coisas como querer falar da "educação para todos", mesmo que ainda muito limitada ele vem falar do acesso à educação para as mulheres. Afirma segundo Marconi e Machado (2018) que só com mulheres e homens bem educados, esses serão capazes de governar cidades e os indivíduos que nelas vivem, pessoas hábeis poderão cuidar de suas casas e formar famílias, sustenta que essa educação deve ser dada desde a infância, com igualdade para ambos os sexos.

> Ora, homens desse tipo devem ser educados assim desde crianças, como também mulheres desse tipo se educam assim desde pequenas. Portanto, é necessário que meninos e meninas sejam bem educados e instruídos desde a infância (LUTERO apud MANACORDA, 2002, p. 197).

Em XVII se tem muitas negligências, não há higiene, nem um olhar para suas fases de desenvolvimento, a criança é vista como substituível, afinal por falta de cuidados básicos muitas morrem. Ainda no mesmo século segundo Clenio Lago, John Locke é difundida a teoria da "tabula rasa", "[...] um papel branco, desprovida de todos os caracteres, sem quaisquer idéias [...] quarto escuro [...] um armário totalmente vedado contra a luz [...]" (LOCKE, 1988, p. 27, 49 e 50); para o desenvolvimento infantil, afirmando que a criança nascia como uma folha em branco, que poderia ser escrita. Tal proposta reafirma a relação de autoritarismo entre professor-aluno, isto porque demonstra que esse tem total "poder" sobre a

criança, devendo moldá-la, de acordo com as necessidades e enfoques para a sociedade, assim, preparando-as para o trabalho.

Diz Marconi e Machado (2018) que após Lutero com foco na prática educativa, Jan Amos Comenius escreveu a Didática Magna explicando detalhadamente como cada um dos preceitos de Lutero deveria ser colocado em prática nas instituições escolares. Neste momento, falamos de uma primeira educação inclusiva, onde Comenius fala até sobre a inclusão de crianças com algum tipo de deficiência, mas também fala sobre não mais agredir esses e também sem os métodos da educação tradicional. Ele afirma que a educação das crianças deve ser realizada "sem pancadas, sem violências e sem qualquer constrangimento, com a máxima delicadeza, com a máxima doçura e como que espontaneamente" (COMENIUS, 2001, p. 154).

Marconi e Machado (2018) explicam que algumas das práticas pedagógicas atuais foram ideias de Comenius.

> (...) é mérito de Comenius a pesquisa e a valorização de todas as metodologias que hoje chamaríamos de ativas (...) especialmente a elaboração de um Orbis pictus, isto é, de um manual concebido como um atlas científico ilustrado, a fim de que junto com as palavras chegassem às crianças, se não as coisas, pelo menos as imagens das coisas (MANACORDA, 2002, p. 221 apud Marconi e Machado, 2018, p. 14)

Nesse momento a Igreja se viu perdendo o poder, além de muitos cristãos terem ido buscar outras igrejas protestantes. O catolicismo precisava buscar outras formas de arrebatar novos fiéis, foi assim que começaram as grandes navegações. Ainda no século XVI, em meio das grandes navegações, foi realizada a "descoberta" do Brasil pelos Portugueses, portanto a educação é tomada pelos Jesuítas no país, sendo determinado pelo papado.

Esses são membros da Companhia de Jesus, uma ordem religiosa, fundada por Inácio de Loyola, e foram enviados ao Brasil como parte do esforço de colonização portuguesa, que ficam aproximadamente 2 séculos tomando conta da educação e catequese dos indígenas e filhos dos portugueses, que se encontravam aqui fazendo a colonização, como afirma Lopes (2018), "[...] o período colonial, podemos destacar os jesuítas como protagonistas da história da educação no Brasil. Eles atuaram na educação de 1549 até 1759." (LOPES, 2018, p. 17).

Porém, para que a educação acontecesse, tiveram que criar estratégias, pois os indígenas foram muito resistentes à sua cultura. A primeira tentativa os jesuítas se aproximaram dos adultos, mas esses não estavam dispostos, então foi assim que eles decidiram ir a buscas dos curumins, dado que eles não estavam totalmente "corrompidos pelo pecado" e posteriormente ao adentrar as doutrinas católicas eles poderiam combater a cultura

de seus pais. O nome dado a essa descaracterização da cultura indígena é violência simbólica, afirma Lopes (2018), a forma de realizá-la é manipulando os nativos a crer que somente os ensinamentos cristãos estavam corretos.

É interessante ressaltar que segundo Marconi e Machado (2018) ao citarem Tavares (2000) nesse momento "as meninas indígenas provavelmente não mereceram a atenção dos jesuítas, por estarem atreladas ao trabalho doméstico junto às suas mães na tribo" (TAVARES, 2000, p. 18 apud Marconi e Machado, 2018, p. 17). No entanto para que essa educação fizesse sentido os jesuítas precisam criar uma metodologia, que podemos até dizer que foram as primeiras criadas para crianças no brasil, então Marconi e Machado (2018) vem dizer que as estratégias criadas são "(a) a gramatização da língua tupi; (b)a criação de um catecismo bilíngue; e (c) a utilização de recursos que hoje chamamos de lúdicos – a música e o teatro." (MARCONI e MACHADO, 2018, p.17).

Essas regras e diretrizes que os jesuítas seguiam era pautada em uma espécie de apostila/manual do qual tirava-se de lá tanto a tratativa com os alunos como a metodologia a ser colocada em prática, esse "documento" que se chama "*RatioStudiorum*". O Ratio era a espécie de um manual que os Jesuítas usavam para fazer suas aulas, que por sinal eram tradicionais e com características religiosas, diz Lopes (2018) que o '*RatioStudiorum*' é na verdade uma:

> (...) coletânea de regras e prescrições práticas e minuciosas a serem seguidas pelos padres jesuítas em suas aulas. [...]método fortemente influenciado pela orientação filosófica das teorias de Aristóteles e de São Tomás de Aquino pelo Movimento da Renascença e pela cultura européia (NETO e MACIEL, 2008)." (LOPES, 2018, p. 18).

Então Lopes (2018) vem retratar, segundo os autores, o 'Ratio' tinha como "peculiaridades a centralização e o autoritarismo da metodologia, a orientação universalista, a formação humanista e literária e a utilização da música" (LOPES, 2018, p. 18) Marconi e Machado (2018) destacam ainda que, mesmo que a teoria da educação da Companhia de Jesus fosse didática, o que se aplicava na verdade predominava era a velha prática medieval de educação, prática estas caracterizadas por métodos mnemônicos com base em punições para adquirir aprendizado.

Os jesuítas estabeleceram escolas em várias partes do país, com o principal objetivo de promover a educação religiosa e a catequese entre os povos indígenas e colonos. Eles acreditavam que a conversão ao cristianismo era uma parte fundamental da colonização e buscavam disseminar a fé católica entre os habitantes locais, como diz LOPES, "Segundo

Veiga (1984), o plano de instrução era pautado no *RatioStudiorum*, com o objetivo de uma formação universal, humanista e cristã." (LOPES, 2018, p. 17). Mas antes que o Ratio chegasse ao Brasil nasceu o "jeitinho brasileiro", pois sem a cartilha eles viram a necessidade de cumprir as exigências do papado, propagar a fé católica e falar do "novo mundo". No entanto, aos poucos os indígenas foram sendo dizimados no processo de colonização, sendo que os sobreviventes eram escravos dos portugueses.

Mas a influência dos jesuítas no Brasil não foi isenta de controvérsias. Eles exerciam um grande poder e influência sobre a educação e a sociedade, o que levou a conflitos com outras autoridades coloniais, incluindo os governadores e os proprietários de terras. Em 1759, os jesuítas foram expulsos de todas as colônias portuguesas, incluindo o Brasil, como resultado da política de expulsão de ordens religiosas pelo Marquês de Pombal.

Destaca que muitos dos métodos que os jesuítas realizaram foram eficazes, suas ideias em diversos aspectos deram o passo inicial para a educação no nosso país, porém temos que entender que maneiras boas e ruins criadas por eles ainda são presentes na educação atual, costumes dos quais já deveríamos ter superado ou aprimorado. Como diz Lopes (2018), não se pode fingir que eles não causaram muita dor, afinal o objetivo mais forte deles era difundir o catolicismo, mas a questão é que não importava a que preço, e com isso tivemos inúmeras forma de agressão, centenas de didáticas opressoras, além das mortes causadas por eles e pela colonização. Por isso, classifica-se esse período como um tempo de muito sofrimento para o Brasil e toda população, seja com as mortes, imposição cultural, até com os trabalhos de mineração que geraram um desfalque nas riquezas do país.

Após a expulsão dos jesuítas chega Sebastião José de Carvalho e Melo, mais conhecido como Marquês de Pombal, foi quem por sinal retirou as instituições religiosas e trouxe um conjunto de reformas. Mas sua principal mudança é a "característica das Reformas Pombalinas "[...] foi a de acabar com a estreita relação entre Igreja e Estado nos domínios portugueses (que abrangiam os dois países: Portugal e Brasil)." (MARCONI e MACHADO, 2018, p.24). No entanto, as intenções de Pombal não são de todo boas, nesse período ele tem uma colônia para extrair muita riqueza e começar a realizar o comércio do país, com indústrias e buscando o desligamento da Inglaterra.

Sendo assim todas as 24 escolas dos jesuítas foram abandonadas, o novo modelo de aula passa a se chamar "Aulas régias", que Marconi e Machado (2018) explicam que "ao invés de um estudante frequentar um colégio, onde seriam ministradas todas as disciplinas essenciais, ele cursaria essas mesmas disciplinas com diferentes professores, em diferentes locais de aprendizagem." (MARCONI e MACHADO 2018, p.26), mas sabemos que essas

aulas mesmo que tivessem um potencial não aconteceram como o esperado, com o objetivo da educação ser financiada e regida pelo Estado, o primeiro diretor geral foi Dom Tomás de Almeida, da Igreja Patriarcal de Lisboa, que em suas anotações afirma que foi um fracasso.

> Em seus relatórios o diretor-geral, Dom Tomás de Almeida, arrola os principais motivos do fracasso da reforma dos estudos menores: a insuficiência de professores régios, a falta de aulas de retórica, a falta de livros didáticos, a escassez de verbas para aplicar na reforma, os baixos salários dos professores e o atraso nos pagamentos (SAVIANI, 2008, p. 89/90).

Pode-se perceber e até enfatizar a ausência de professores, isso porque "as reformas pombalinas não dispuseram de uma política de formação de professores que pudesse substituir os padres da Companhia de Jesus no ofício docente das aulas régias" (FERREIRA Jr., 2010, p. 32), esses só poderiam ser os já formados pelos jesuítas, sendo assim a educação não teria uma mudança significativa. Mas com a falta de subsídio, a educação passa 13 anos parada, aguardando as verbas. No entanto, Marquês de Pombal permaneceu no cargo da administração da educação até 1777 quando foi destituído de seu cargo.

Com a expulsão dos Jesuítas, e o sistema educativo em desordem, a educação colonial tomou um novo rumo com a chegada da coroa portuguesa em 1808, que torna o país independente em 1822. Durante a sua passagem no Brasil, sua visita à Bahia, abriu os portos para países amigos e abriu cursos de medicina e cirurgia em hospitais militares. Começasse um período de grandes transformações econômicas no Brasil.

Somente no ano 1826 é que se passa a falar novamente na educação, segundo Marconi e Machado (2018), entretanto, ainda não tinha a devida compreensão sobre a educação como peça chave do desenvolvimento.

> A proposta do deputado Januário da Cunha Barbosa, que pretendia regular o ensino em quatro graus, denominados da seguinte maneira: 1º "pedagogias" (conhecimentos elementares para todos, como ler, escrever, contar e conhecimentos morais, físicos e econômicos); 2º liceus (formação profissional: agricultura ou comércio); 3º ginásios (conhecimentos científicos gerais); 4º academias (ensino das ciências abstratas – morais e políticas); não saiu do papel, nem mesmo chegando a entrar em discussão pelos demais deputados. (MARCONI e MACHADO, 2018, p.40)

Referente à educação primária, pode-se dizer que nada mudou, afinal esta ainda era excludente e de caráter elitista, que frequentemente acontecia fora da escola, pois os preceptores, como eram chamados os professores da época, ensinavam nas suas próprias casas ou nas casas dos fazendeiros e agricultores, sem nenhum vínculo com o Estado.

Durante todo esse tempo a criança ainda não é olhada como o centro da aprendizagem, mas sim um indivíduo que precisa ser corrigido, contrariado, deve respeito e obediência, sem direitos ou um olhar que favoreça suas características e necessidades educacionais, sendo assim considerado indisciplinado e não há reconhecimento de suas necessidades afetivas.

O pouco que se sabe dessa educação, está pautada em Ina Von Binzer (1994), que afirma "Reconheço ser indispensável adotar-se uma pedagogia aqui, mas ela deve ser brasileira e não alemã, calçada sobretudo nos moldes brasileiros e adaptada ao caráter do povo e às condições de vida doméstica" (BINZER, l994: 87), sendo assim, conclui-se que a educação mesmo que existente, é pouco ativa, acaba que não tendo o aluno como centro da aprendizagem, fazendo com que os métodos educacionais do momento não sejam efetivos, pois não atendem as necessidades da população de acordo com a realidade social e geográfica do brasil.

No entanto, a educação só passa a ser olhada como algo de responsabilidade Estadual e municipal em 1834, como podemos ver por Marconi e Machado (2018).

> Os relatórios dos ministros do Império e dos governadores das províncias, ao longo do período imperial, permitem constatar as carências do ensino, o que permite notar que o Ato Adicional, de 1834, apenas serviu para legalizar a omissão do poder centrar na educação primária e secundária. Assim, podemos afirmar que esse Ato pôde ser considerado um marco na História da Educação Brasileira, mesmo evidenciando as carências de nosso ensino, pode ser considerado a origem da divisão das responsabilidades do financiamento dos níveis de ensino entre o poder central (União) e as províncias (Estados e Municípios). .

Mas neste momento se vê a necessidade de formar professores, pois como sabe-se os alunos com condições tinham professores exportados, mas não supre a demanda, além de precisar de professores que atendam as necessidades do Brasil, Marconi e Machado (2018) explicam, "Por isso, no ano de 1835, foi criada a primeira Escola Normal Brasileira, a qual funcionava em Niterói – Rio de Janeiro. Seu objetivo era o de formar professores para atuar no ensino primário." (MARCONI e MACHADO 2018, p.48).

Posteriormente, surgiram outras escolas normais em várias regiões do país, desempenhando um papel importante na formação de professores para o sistema educacional. No entanto, essas escolas não vieram a suprir as demandas necessárias. Sendo assim foram criadas escolas particulares, tornando a educação neste período elitista e excludente.

Olhando a linha histórica fica mais claro entender a educação tradicional, afinal se baseando na indiferença para a criança que foram permeando a educação do século XII ao

XVII, entende-se que a construção social, o conhecimento limitados, a falta de interesse, as relações e o foco da sociedade não estão nas crianças, sendo assim a relação com o educador não é importante, mesmo que quando acontece, é de forma submissa e passiva pelo aluno, mas imponente e regida pelo professor. Na segunda seção será passada a tentativa de superação desse olhar, e quais os principais nomes que influenciaram isso.

2. A criança como protagonista: o que muda na relação professor-aluno?

Após entender como se construiu a visão da criança, da educação e a relação afetiva que permeia ambos na educação tradicional, quais suas influência, o porquê de tamanha dificuldade na mudança de olhar para os pequenos, a relação de afetividade na educação, será necessário olhar a tentativa de superação da educação tradicional, juntamente as metodologias ativas e a busca por uma nova escola.

Aranha (2006) afirma que enquanto o Brasil tentava se tornar independente e pela primeira vez olha para a educação como algo fundamental, na Europa e na América já está acontecendo o processo de superação da educação tradicional que no Brasil só aconteceu por conta dos jesuítas, mas após a expulsão deles a educação é estagnada como foi dito na seção anterior. Aranha (2006) ainda cita que, surge a necessidade de uma escola que acompanhe as mudanças constantes que a sociedade vinham sofrendo com os avanços da ciência, afinal, desde a revolução industrial se via a necessidade para a burguesia de uma escola mais realista, que as pessoas se adequassem às necessidades. Dessa forma, a educação é vista como uma formação integral do aluno na sociedade.

Segundo Charlot (2020) “No final de século XIX e no século XX vemos emergir uma pedagogia chamada “nova”, “ativa”, que se opõe a uma pedagogia ‘tradicional’” (CHARLOT 2020, p.34). Nesse sentido, ele ainda aponta que a visão sobre as crianças, a qual deixa de ser sobre o pecado original, mas passa-se a ver as consequências da vida da crianças na sociedade, “A infância “não é mais período maldito e oco, marca da natureza humana corrupta, mas período preparatório, funcional, marca da natureza humana perfectível” [...]” (p. 35) e ainda completa: “Não é a criança que é corrompida, é a sociedade que a corrompe” (p. 35). No entanto nota-se que mesmo depois de muito tempo sendo esquecida é entre o século XIX e XX que a criança é olhada com mais atenção.

No século XVIII, as propostas de educação passaram a ser permeadas pela centralidade infantil, juntamente com o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, defendeu ideias inovadoras na educação e enfatizou a importância da natureza e da liberdade na

educação das crianças, o teórico relata em suas obras traços de um novo ideal que permeia uma educação pautada em liberdade, individualidade e espontaneidade na educação. Ele acreditava que a educação deveria permitir que as crianças explorassem e aprendessem através da experiência direta do mundo ao seu redor.

Para Rousseau (2004), segundo Aranha (2006), a natureza desempenha um papel vital na educação das crianças e estas devem ser incentivadas a interagir com a natureza e a desenvolver os seus sentidos e competências. Além disso, o autor enfatizou a importância da liberdade educacional, acreditando que as crianças deveriam ser respeitadas e não controladas excessivamente. Isto não significa que ele não defendia regras, mas que as regras devem ser justas e adequadas ao estágio de desenvolvimento da criança. Por isso, diz:

> O mais perigoso intervalo da vida humana é o que vai do nascimento até a idade de doze anos. É o tempo em que germinam os erros e os vícios, sem que tenhamos ainda algum instrumento para destruí-los. E, quando chega o instrumento, as raízes são tão profundas, que já não é tempo de arrancá-las (ROUSSEAU, 2004,p. 96).

Para haver uma educação com cuidado, sem deixar marcas, como o desrespeito que um dia já foi usado com a criança, afirma Marconi e Machado (2018) através dos estudos de Luzuriaga (1961) referente à nova metodologia da educação que nos aponta:

> (...)...um movimento pedagógico inovador que se opõe à educação medieval, dogmática e autoritária, a educação humanista, crítica e livre; que coloca frente a mera transmissão de verdade, consagradas pela teologia e a igreja, as novas indagações da filosofia e da ciência; que situa frente a visão pessimista e passageira da vida a concepção otimista e terrena; frente ao aprender passivo e mecânico das palavras, a investigação e elaboração de conhecimentos; frente a disciplina autoritária, a liberdade razoável; frente a educação em massa, a da individualidade do aluno. (...) (LUZURIAGA, 1961 p. 17, apud Machado, 2018, p. 60)

Somente com as seguintes características é que passam a serem moldadas as estruturas do escolanovismo, "[...] educação integral (intelectual, moral, física); educação ativa; educação prática, com obrigatoriedade de trabalhos manuais; exercício de autonomia; vida de campo; internato; coeducação; ensino individualizado." (ARANHA, 2006, p. 247). Nesse momento, identifica-se que a escola nova tem duas vertentes, uma americana e outra europeia, cada uma com seus propósitos e características, porém ambas caminham de forma constante a criação da escola nova.

Além de Rousseau já citado, tem outros nomes importantes para a superação da educação tradicional que são de fora do Brasil, mas tiveram influência em todo o processo do escolanovismo, dentre os quais podemos destacar: Friedrich Froebel (1782-1852), foi um

educador alemão cujas ideias desempenharam um papel importante no desenvolvimento da educação infantil e influenciaram o movimento da Escola Nova. Froebel viveu durante um período de grandes mudanças sociais, políticas e educacionais na Europa, que se estendeu do final do século XVIII ao século XIX. Este período foi marcado pela Revolução Industrial, que trouxe urbanização e mudanças na estrutura social.

Cambi (1999) e Froebel, segundo Marconi (2018) foi profundamente influenciado pelo pensamento romântico alemão, também conhecido como “Pedagogia Romântica”, que valorizava a natureza, a criatividade, a intuição e a educação como formas de desenvolver o potencial humano. Isto o levou a ver a educação como um meio de desenvolvimento humano global, em vez de se concentrar apenas na transmissão de conhecimento.

Para Kishimoto e Pinazza (2007), Froebel é famoso como o fundador do "Jardim de Infância", uma das primeiras instituições de ensino para crianças pequenas, sendo que nesse ambiente ele sugere “(...) cultivo da vida social livre e cooperativa que destoava de tendências político-sociais restritivas e autoritárias que persistiam na Alemanha, as quais impossibilitavam pensar a continuidade do mundo no interior da instituição infantil” (KISHIMOTO e PINAZZA, 2007, p. 38). Ele acredita que as crianças devem ser proativas na sua própria aprendizagem e que o ambiente de aprendizagem deve ser centrado na natureza que está ligada a Deus, na brincadeira e na criatividade, sendo que na sua relação com a natureza o aluno deve reconhecer a “o divino, o espiritual e o eterno” através da comunicação com o natural.

A abordagem de Froebel, de acordo com Machado (2018), enfatizou a importância das atividades lúdicas e recreativas como meio de aprendizagem. Segundo Arce (2002), por Machado (2018), desenvolveu materiais educativos chamados “Froebel Gifts”, brinquedos e atividades destinadas a estimular a criatividade, a imaginação e o desenvolvimento cognitivo das crianças. Isso influenciou as práticas docentes na nova escola, que também valorizava a aprendizagem ativa e prática. Sendo assim, Froebel vê a brincadeira como um ato sério e importantíssimo no desenvolvimento da criança.

> A brincadeira é a mais pura, a mais espiritual atividade do homem neste estágio e, ao mesmo tempo, típica da vida humana como um todo – da vida natural interna escondida no homem e em todas as coisas. Por isso ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, paz com o mundo. Ela tem a fonte de tudo que é bom. (FROEBEL, 1887, p. 55 apud Machado, 2018, p.69).

Outros autores como John Dewey, por Machado (2018) também merecem destaque nesse processo, especialmente pela defesa da escola com um olhar de superação à educação tradicional. Ele foi um influente filósofo e educador americano, que desempenhou um papel importante no desenvolvimento do movimento da Escola Nova. Dewey viveu e formulou seu pensamento durante um período de mudanças significativas na América e no mundo. Este período foi caracterizado pela urbanização, desenvolvimento industrial e imigração em massa, levando a mudanças sociais e econômicas.

Afirma Marconi e Machado (2018) "Suas ideias estavam fincadas nas exigências da sociedade norte-americana, e se fundavam no princípio de uma educação para o desenvolvimento capitalista e consolidação de uma sociedade democrática." (MARCONI e MACHADO 2018, p.72). Dewey foi um famoso filósofo do pragmatismo, tendência filosófica que enfatizava a importância da experiência e da ação como base para o processo de aprendizagem e construção do conhecimento. O pragmatismo também promove a resolução de problemas do mundo real como forma de aprendizagem.

Para Aranha (2006) ele acreditava que a experiência era o ponto de partida para uma aprendizagem significativa. Dewey (1952), partindo de Aranha (2006) defende que as escolas devem proporcionar um ambiente para os alunos aprenderem através da resolução de problemas, investigação e experimentação do mundo real, promovendo assim a aprendizagem baseada em projetos e a experiência direta, a final ele considera a criança como um ser imaturo, sem crenças, sem saber falar, sem ideais de qualquer espécie, as crianças se constroem justamente pela experiência de viver em grupo, pois é responsabilidade desses membros imaturos manter a identidade do seu grupo, por isso existe é uma necessidade de trazer a educação como meio de transmissão dos interesses, conhecimentos, competências e costumes dos adultos, ou seja, segundo esta teoria, só a educação pode suprir o fosso entre aqueles que são completamente indiferentes aos objetivos do seu grupo e aqueles que já são indiferentes aos objetivos da distinções de seu próprio grupo.

Por fim Maria Montessori (1870-1952) foi uma educadora italiana cujas teorias e métodos educacionais tiveram um impacto significativo no Movimento da Escola Nova e na educação progressista, pois viveu durante um período de significativas mudanças sociais, políticas e culturais. Esta era foi marcada por avanços na psicologia, na pedagogia e na ciência, bem como por movimentos sociais e políticos que buscavam reformar a sociedade e a educação. Para Aranha (2006), Montessori elaborou uma pedagogia que a criança expressava-se nos princípios da educação sensorial, da atividade, da liberdade e da autonomia

da criança, tendo como foco no organismo e a fisiologia do corpo humano, para promover o melhor desempenho autônomo, propiciando a cultura e a educação também.

Montessori foi uma das primeiras mulheres na Itália a se formar em medicina e, como médica, trabalhou no tratamento de crianças com transtornos mentais. A sua experiência na medicina e o envolvimento ao movimento feminista italiano influenciaram-na a se tornar uma defensora da igualdade de género e da educação para todas as crianças.

Perante Aranha (2006), a pedagogia Montessoriana é famosa pela ênfase na criança como centro do processo educacional. Ela acredita que as crianças são naturalmente curiosas, autônomas e capazes de aprender de forma independente, e defende a aprendizagem autônoma dos alunos, mas para isso é necessário propiciar experiências diversas e livres para que cada criança com sua personalidade possa escolher suas aptidões e o momento em que fazer, as crianças têm ritmos de aprendizagem individuais e, por isso, defende o ensino dos alunos de acordo com as suas aptidões, promovendo o ensino personalizado e prestando atenção às necessidades e interesses individuais dos alunos, então ela sugere que as crianças direcionam a sua própria aprendizagem, tomem decisões e tornem-se alunos ativos e independentes. Aranha (2006) cita que Montessori afirma que a criança é o ser que reserva em si as melhores potencialidades, as quais precisam ser despertadas para o melhor desenvolvimento enquanto pessoa.

Afirma Marconi (2018) que Montessori desenvolveu uma gama de materiais didáticos sensoriais e práticos projetados para incentivar a aprendizagem e a exploração ativas, ao mesmo tempo que enfatiza a importância da aprendizagem prática e tangível.

Como dito anteriormente, escolanovismo nasceu na América e na Europa, mas é entendido por Anísio Teixeira (1900 - 1971) e disseminado no Brasil, confirmando que muito do que direciona a educação do país vem de influências externas, assim como diz Binzer (1994), o Brasil, por vezes, adapta-se ao que é criado para outras realidades, quando na verdade deveria estar pensando suas próprias necessidades e criando estratégias para desenvolver a mesma.

Segundo Aranha (2006), Anísio Teixeira vai para os Estados Unidos, vê acontecer o escolanovismo, se encanta e passa a ser o responsável pela condução dessa teoria no país. Nesse momento outros dois nomes são importantes para a tentativa de implantação do escolanovismo, que são Fernando Azevedo (1894-1974) e Lourenço Filho (1897-1970), os três iniciaram o movimento de reforma do ensino, fazendo dos documentos de 1932 e mais para frente o documento de 1959 em favor a escola pública. Eles se opunham à educação católica, tradicional, e passam a ser considerados “ateus e comunistas”, mas eles na verdade

trabalham com a linha do liberalismo democrático, que por sinal não critica o capitalismo como deveria e apoia os ideais da burguesia. Porém, essa metodologia exigia muitas técnicas que ocuparam tempo e tiraram o foco da universalização da educação popular.

Em 1932, surge um documento assinado por 26 educadores, sendo os principais, entre eles, Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Lourenço Filho, é chamado de "Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova". Para Aranha (2006) o documento tem por objetivos pontuar algumas exigências para educação Brasileira, sendo elas, "educação obrigatória, pública, gratuita e leiga, deve ser implantada em programa de âmbito nacional" (ARANHA, 2006, p. 304). Em meio a tudo isso, ainda sim o catolicismo ainda queria que as escolas tivessem religião e nisso o Manifesto é derrotado, pois a Constituição intitula o ensino religioso facultativo.

Para Batalloso (2011, p. 38) "toda educação é fundamentalmente uma educação de atitudes, o que implica, ao mesmo tempo, conhecer-compreender, sentir-valorizar, comprometer-se-agir, como dimensões inseparáveis do desenvolvimento humano", que leva a pensar sobre o papel do professor, como aquele que nesse momento é o facilitados, a ponte, que olha para a crianças como o ser ativo do aprendizado, o respeito a individualidade, ênfase no desenvolvimento integral do aluno, metodologia inovadoras de ensino e a avaliação formativa, segundo o escolanovismo já citado anteriormente.

Porém, mesmo com esse processo ainda não houve a difusão da escola nova. Ela trouxe diversas melhorias para a educação, porém vem como uma colaboradora para a mesma, mas não como base. Sendo assim, o escolanovismo ajuda a educação sair dos métodos totalmente tradicionais, colabora para uma educação mais humana, mas não transforma a forma de ver o ensino no geral. Na terceira seção vem pronunciar a pedagogia contemporânea, pois assim pode-se entender a educação de forma atual.

3. Por uma Pedagogia Contemporânea: as contribuições da Comunicação Não-Violenta para a relação professor-aluno

Nessa seção falaremos sobre a educação na contemporaneidade, pensando no acolhimento desse aluno e forma de desenvolver essa relação com mais afetividade e de forma concisa, sendo assim será apresentado como metodologia ativa à comunicação não violenta (CNV). Segundo Pagotto-Euzebio e Almeida (2022), o afeto na educação tem tamanha importância.

> Os afetos com os quais a educação familiar lida não deixam de estar presente na educação formal e dirigida, ainda que pouca importância pareça ser dada a eles. No entanto desempenham um papel fundamental , são incontornáveis, tal como a intencionalidade do processo educativo. (PAGOTTO-EUZEBIO e ALMEIDA , 2022, p. 37)

Nas seções anteriores foram citadas a relação do aluno com a educação e do professor com o aluno perante os acontecimentos ao longo da história. Sendo que, para Charlot (2020) a educação tradicional tem por características a busca pela santidade, a necessidade de se afastar da sua humanidade, a disciplina, sabedoria, a obediência para o aluno e ainda os castigos físicos. Enquanto a escola nova olha a humanidade da infância como algo mais perto da santidade, afinal a sociedade é que corrompe a humanidade, o olhar para a criança como centro da educação, identificar que a natureza exige determinadas ações de acordo com cada idade, além de enfatizar a necessidade de aprendizado significativo e o contato direto com a natureza.

Segundo Charlot (2020), as características da educação tradicional e da escola nova ainda permeiam a educação contemporânea, as práticas tradicionais não são mais dominantes, mas não foram completamente excluídas das práticas pedagógicas, fazendo com que mesmo tendo muitos estudos que ensinam sobre a criança e suas necessidades, ainda sim há traços da educação tradicional no papel docente. O escolanovismo está presente na pedagogia contemporânea com suas teorias, porém, esta vem para desenvolver uma educação mais humana.

Dentre as propostas mais recentes que podem destacar uma relação professor-aluno mais afetiva, supera toda e qualquer proposta na qual viabilize um “adestramento” ou que traga qualquer tipo de violência e frustração ao aluno, escolhe-se como foco para estudo como metodologia ativa, a Comunicação Não-Violenta (CNV).

Entendida como um processo de comunicação criado pelo psicólogo norte-americano Marshall Rosenberg, na década de 1960, a CNV pode ser considerada uma metodologia ativa, isto porque, as metodologias ativas são estratégias que tem por objetivos tornar os conteúdos escolares envolvente, dinâmicos claramente ativos, propiciando inúmeras forma de acessar o conhecimento. Segundo Morán (2015), às atividades desafios devem ser planejadas e acompanhadas por meios tecnológicos, sendo que essas têm por consequência colaborar e com as seguintes competências, intelectuais, emocionais, pessoais e comunicacionais, se faz necessário pesquisar, avaliar situações, aprender pela descoberta, caminhar de forma gradual.

A CNV não é diferente, é uma ferramenta de acesso essencial para o educador, ainda mais se por sua vez ele usar essa metodologia ativa para desenvolver nos alunos essa ação e reação, tornando essa uma forma de ponte para sua relação afetiva com os pequenos.

No livro "Comunicação Não Violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais", segundo Rosenberg (2021, p.19) "CNV: uma forma de comunicação que nos faz entregar-nos de coração.", sendo que a mesma tem por objetivo facilitar e ajudar na comunicação e resolução de conflitos por uma linguagem mais humana.

A CNV baseia-se na ideia de que todas as pessoas têm suas necessidades básicas que são constantemente buscadas na intenção de serem satisfeitas, que os conflitos surgem quando essas necessidades não são adequadamente atendidas. O método proposto por Rosenberg visa promover uma comunicação empática e autêntica, levando em consideração as necessidades e sentimentos de todas as partes envolvidas.

Para que essas necessidades sejam levadas em conta, o autor propõe quatro componentes primordiais para o modelo de CNV, sendo eles, observação, sentimentos, necessidades e pedidos, como observado no Quadro 1.

Quadro 1: Modelo de CNV.

Componentes	**Como realizar**
Observação:	Analisar objetivamente o que está acontecendo, evitando julgamentos ou interpretações subjetivas. A ideia é descrever a situação de maneira clara e concreta, focando em fatos observáveis.
Sentimentos:	Expressar os sentimentos que surgem em relação à situação, sem culpar ou criticar de um para com o outro. Reconhecer e identificar as emoções que estão presentes, permitindo uma conexão mais profunda entre os indivíduos participantes da situação.
Necessidades:	Identificar as necessidades subjacentes aos sentimentos. Reconhecer quais são as necessidades básicas não atendidas, como segurança, reconhecimento, autonomia, intimidade, entre outras. É importante que as necessidades sejam expressas de maneira positiva e não como exigências.

Pedido:	Fazer pedidos claros e específicos para atender às necessidades identificadas. Os pedidos devem ser viáveis e direcionados para ações concretas que possam satisfazer as necessidades de todas as partes envolvidas.

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Rosenberg (2021).

Sendo assim concluímos que a CNV deve ser usada em uma via de mão dupla, pois em uma comunicação onde todos olham suas necessidades e as do outro, temos uma relação de compaixão. Porém, se só uma pessoa usar da Comunicação Não Violenta, seja com o outro ou em grupo, ainda sim ela vai dar certo e se tornar um direcionador da conversa.

O autor começou a desenvolver essa abordagem de comunicação enquanto trabalhava como mediador de conflitos em áreas racialmente segregadas nos Estados Unidos. Rosenberg estava preocupado com a polarização e a violência que observava e buscava uma maneira de promover a empatia, a compreensão mútua e a resolução pacífica de conflitos.

Rosenberg (2021) formalizou e compartilhou sua abordagem através de workshops, treinamentos e livros ao longo das décadas seguintes. O livro "Nonviolent Communication: A Language of Life" (Comunicação Não Violenta: Uma Linguagem da Vida), publicado em 1999, é uma das obras do autor mais conhecidas em que ele detalha os princípios e as técnicas da CNV.

Afirma Rosenberg (2021) que essa metodologia busca promover empatia, compreensão mútua e cooperação, criando um espaço de diálogo respeitoso e construtivo. Essa abordagem é amplamente utilizada em diversos contextos, incluindo relacionamentos pessoais/familiares, escolas/educação, negociação, resolução de conflitos e onde mais for utilizada a comunicação.

Como vimos anteriormente, para Rosenberg (2021) a CNV tem por objetivo facilitar as relações onde ela for aplicada, na educação principalmente, na relação cotidiana professor-aluno não será diferente. Olhando para a CNV na educação tradicional seria necessário que a mesma fosse transformada, pois a comunicação na educação tradicional não se fala de comunicação, afinal o aluno é visto como receptor do conhecimento que é transmitido, mas pensando no escolanovismo é muito mais pertinente, afinal parte da escola nova é olhar para a criança ver suas necessidades e interesses e trabalhar com ela sobre, pela primeira vez a criança tem pode de fala, o que faz com que a posição do professor seja mais passiva e a do aluno compreendida. Porém ao falarmos da CNV na educação contemporânea

temos o ponto de que só cabe ao professor realizar determinada ação, pois como afirma Charlot (2020) à pedagogia contemporânea se encontra esquecida e abandonada.

Charlot (2020) enfatiza que a educação se tornou manipulável, principalmente por conta do capitalismo. Ele afirma que o consumo desenfreado faz com que as pessoas precisem consumir sem critérios e ser mão de obra. Sendo assim, se manipula a educação para que a mesma não crie bons pensadores, a educação pública faz a massa que consome sem questionar, sem aprender a ser criativo, inovador, buscar algo melhor, enquanto a educação que gera pensadores, profissionais diferenciados está na elite segundo Charlot.

Diz Charlot (2020), que há dois lados que a educação precisa enfrentar, sendo que a mesma

> (...) deve enfrentar diversas contradições. De um lado, o discurso sobre inovação, criatividade, espírito de equipe. Do outro conservadorismo social, individualismo egoísta, concorrência como princípio de vida em todos os domínios, inclusive de forma ás vezes implacáveis.(CHARLOT 2020, p.63)

Porém, afirma ainda que o real dever da escola é ensinar a verdade, que todo ser humano seja privilegiado ou não, tem seus direitos e deveres, além de formar para a vida em sociedade, fazendo-os entender a cidadania. No entanto, fica ainda mais claro que atualmente o trabalho do educador não é só a transmissão de saberes, mas também a formação desse jovem de modo integral e gerar um pensamento crítico.

Desta forma, Charlot (2020) sugere que a educação contemporânea na verdade não existe, pois não se vê um pensamento sobre a educação atual, mas na verdade se manipula, gera conteúdo que não custa o posicionamento dos indivíduos, só os mantém ocupados. ao final ele fala sobre a educação ser como uma “pedagogia da sobrevivência e da concorrência” (Charlot 2020, p.68), com a intenção de afirmar que o capitalismo gera uma pressão por um bom desempenho e o sucesso, gerando assim o estresse, que pode causar depressão incompreensão e até a violência. Pode-se dizer que a ausência da CNV, do conhecimento da mesma faz com que essa ausência de legitimidade gere o caos, pois coloca a frente de todos os princípios o desejo.

Assim Charlot (2020) conclui que, a educação não só direciona o indivíduo dentro da escola, mas gera estrutura e permeia todo o campo social. E por fim diz que a educação tem critérios evidentes e que necessitam de debates para desenvolver as práticas pedagógicas, mas que aparentemente estão sendo deixadas de lado, fazendo com que não se tenha a pedagogia contemporânea.

Por fim é possível concluir que a educação se dá de acordo com as necessidades da sociedade e perante a isso formamos os indivíduos que nela atuam e partindo do pensamento de Charlot (2020), essa visão de como deve ser o indivíduo que está sendo formado pela escola não tem sido almejado ou sequer pensado neles, por isso ele afirma que a educação contemporânea é na verdade uma pedagogia da sobrevivência.

Considerações Finais

O objetivo inicial desta pesquisa era o de compreender o processo de construção da relação professor-aluno ao longo das propostas educativas que permearam a Educação Brasileira. A partir do qual derivam os seguintes objetivos específicos: conhecer os fatos históricos que fizeram que a crianças não fosse vista como um ser ativo e central da educação; compreender a proposta de superação de acordo com a escola nova; identificar as tratativas que formam a relação professor-aluno como colaboradores da relação saudável, segura e com limites para a boa relação, ressaltando as contribuições da comunicação não-violenta.

Para realizar essa pesquisa, foi necessária para essa investigação, a utilização como metodologia a pesquisa bibliográfica, por meio de materiais já publicados, sendo eles, revistas, artigos, textos e livros.

Na primeira seção é pontuado a educação do século XII ao XVII, onde se identifica a ausência do educador na maior parte desse tempo, pois inicialmente fala-se do cuidado para com a criança, pois sua fase inicial está pautada na sobrevivência. Mas há uma ausência da educação formal, que só passa a existir ao longo dos séculos, e se torna realmente significativa apenas para a elite. No Brasil a educação inicia com os jesuítas, mas não dura muito tempo e depois se volta a falar da mesma com o império, onde a relação entre professor-aluno é ainda de hierarquia, de pouca afetividade, afinal o aluno é só o receptor do conhecimento.

Na segunda seção o olhar é voltado para constatar os objetivos dos escolanovismo, reconhecendo o papel do aluno, suas necessidades, tendo um olhar voltado para o mesmo, respeitando e pontuando os interesses dos pequenos, para assim uma educação mais humana, da qual utiliza de metodologias, atividades, brincadeiras/brinquedos, ambiente e até filósofos que nesse momento já pensam na criança e tem o olhar voltado à relação afetiva entre professor-aluno, principalmente no Brasil.

Já na terceira seção o olhar é para a educação contemporânea e a afetividade, visando a CNV como uma metodologia ativa, que por sinal, facilitará a relação professor-aluno, dando suporte para um olhar de construção da educação que se sonha. Atualmente o olhar para a educação é por muitas vezes conduzido de acordo com as necessidades do capitalismo, fazendo com que as pessoas consumam mais do que precisam e não se questionam de onde vem, fazendo poucos qualificados para conduzirem a massa, muitos que produzam e consumam sem se questionar.

Assim, pode-se dizer que a educação é um misto da educação tradicional com a educação escolanovista e por precisar do professor ensinar o aluno de forma integral, que por sinal é uma dificuldade na educação atual, pois o pedagogo não olha para o aluno somente para construir conhecimentos, mas também para desenvolver uma ser humano socialmente estável, que reconheça seus direitos e deveres.

Por fim com todos esses pontos levantados pode-se chegar à seguinte conclusão, a educação acompanha as necessidades do momento, assim como a educação tradicional e a escola nova, porém a pedagogia contemporânea não olha somente para a educação, como antes, pois antes o foco era a sobrevivência, e atualmente é educar fora da escola, também tornar esse indivíduo alguém que aprenda a filtrar as informações, selecionar o que consumir e suportar as cobranças da sociedade aprendendo a lidar com as dificuldades da vida. Sendo assim afirma-se que sem a afetividade a relação professor-aluno é impossível, pois somente olhando o aluno reconhecendo quem ele é, suas necessidades, interesses, respeitando seu tempo, atendendo suas demandas é que o educador poderá ajudar e realizar seu trabalho de forma efetiva e clara. Portanto com a essa relação afetiva entre professor-aluno é que se constrói um ambiente rico em conhecimento, conseguindo atender todas as primordialidades, sem que isso seja extraordinário/impossível, fazendo com que limites e afeto andem juntos com os ensinamentos e as construções de aprendizados. Convertendo a CNV para uma das facilitadoras dessa pedagogia contemporânea, pois com a mesma se relaciona com clareza, amor, empatia e respeito.

Afinal é de extrema importância a passagem pelos períodos históricos e a identificação da criança em cada etapa para assim poder entender a relação do docente com a mesma, fazendo com que fique claro o período histórico, o olhar para os pequenos e relação do professor para com o mesmo, sendo visado a CNV como metodologia ativa para promover determinada relação afetiva.

Referências

AMARAL, João J. F. ***Como fazer uma pesquisa bibliográfica***. - Ceará: Universidade Federal do Ceará, 2007. 21 p. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf> acesso em: 11 mai. 2023.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. ***História da Educação e da Pedagogia*** - Geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARCE, A. Friedrich Froebel: ***O pedagogo dos Jardins de Infância***. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ARIÈS, P. ***História social da criança e da família***. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
BATALLOSO, Juan Miguel. ***Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar***. Brasília, DF: Liber Livros, 2011.

BES, Paulo Rodrigo. ***Estudo da infância.*** - SAGAH. 2018. 17p.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 3 ed. Brasília - DF: CNBB, 2019.

BINZER, Ina Von. ***Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil.*** São Paulo: Paz e Terra, 1994. 171p.

CHARLOT, Bernard. ***Educação ou Barbárie?*** 1a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2020. 312p.

FERREIRA Jr., Amarílio. ***História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX***. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 123 p. (Coleção UAB-UFSCar).

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia do Oprimido***. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

KISHIMOTO, T.M.; PINAZZA, M.A. Froebel: uma pedagogia do brincar para a infância. In:
LOCKE, John. ***Ensaio acerca do entendimento humano***. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

LAGO, Clenio. ***A atualidade da educação na perspectiva de John Locke.*** Chapecó: Argos, 2002. 130p.

LOPES, Alessandra Marques da Cunha. ***Didática II***. São Carlos-SP: UNICEP. 2018. 195p.

LUZURIAGA, L. – ***La Educación Nueva***- 6a edição - Buenos Aires, Editorial Losada S.A., 1961.

MACHADO, Michele Varotto. ***História da Educação II.*** São Carlos-SP: UNICEP. 2018. 133p.

MANACORDA, Mário Alighiero. ***História da Educação: da Antiguidade aos nossos dias***. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MARCONI, Juliana Guedes dos Santos, MACHADO, Michele Varotto. ***Didática I.*** São Carlos-SP: UNICEP. 2018. 170p.

MARCONI, Juliana Guedes dos Santos, MACHADO, Michele Varotto. ***História da Educação II.*** São Carlos-SP: UNICEP. 2018. 133p.

PAGOTTO-EUZEBIO, Marcos Sidnei e ALMEIDA, Rogério de. ***Introdução à Filosofia da Educação***. São Paulo: Edusp. 2022.

ROSENBERG, Marshall B. ***Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.*** 5a ed. São Paulo: Editora Agora, 2021. 280p.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. ***Emílio ou Da Educação***. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SAVIANI, Dermeval. ***História das Idéias Pedagógicas no Brasil. 2.*** ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Coleção memória da educação).